

DO YAPO AOS CARANGUEJINHOS: AS BRINCADEIRAS CANTADAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL

Amanda Barbosa dos Reis. amanda.barbosa@uel.br.

Gabriel Gonçalves Freire. gabrielgfreire@uel.br.

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Linha de estudo: Linha 3. Fundamentos históricos, filosóficos e culturais da educação na Educação Física: Teorias e metodologias que orientam as concepções de Educação Física; corpo e corporeidade; modo de produção, trabalho, tempo livre, Educação e Educação Física; cultura, imaginário, representação e memória em Educação Física

Forma de Apresentação

Comunicação Oral

Poster

Resumo

A Educação Física inserida na Educação Infantil tem um papel fundamental na formação humana em uma perspectiva que considera a criança como um ser cultural e, portanto, produtora de significações a partir de sua ação no mundo. Nesse contexto, as brincadeiras cantadas são ótimas manifestações culturais para que as crianças se desenvolvam respeitando-se suas biografias e formas de interpretação, além de diversificar o universo corporal em construção. Porém, infelizmente, a socialização das práticas pedagógicas que enfatizam o ensino das brincadeiras cantadas nas aulas de Educação Física ainda engatinha (Viviane, 2018). Por conseguinte, este artigo descreve um relato de experiência do estágio obrigatório de uma graduanda, sob supervisão de um docente do curso de licenciatura em Educação Física, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), além de se conectar ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), uma vez que ambos recebem incentivo do mesmo. Nesse sentido, foi proposta uma sequência didática a partir dos planos de ensino no estágio, em que as aulas foram realizadas em duas turmas do P5 da Educação Infantil, período vespertino, em uma escola da região sul do município de Londrina, Paraná. As Brincadeiras Cantadas foram os saberes promovidos nos encontros, previstas no programa curricular para a Educação Física no município. As aulas foram fundamentadas nas perspectivas críticas da Educação Física, que compreendem o corpo em movimento como forma também de



linguagem e as manifestações da cultura corporal como expressões sociais e históricas. Foram realizadas quatro aulas com diferentes brincadeiras cantadas da cultura popular brasileira, possibilitando que as crianças acessassem um repertório cultural e gestual diverso. A experiência pedagógica promoveu a valorização da cultura popular, o reconhecimento da diversidade, a escuta, a expressão e a cooperação entre os estudantes, reafirmando a importância de práticas escolares em Educação Física que respeitem as infâncias e favoreçam vivências corporais significativas.

Palavras-chave: Educação Física; Educação Infantil; Brincadeiras Cantadas; Manifestações Culturais; Cultura Corporal.

Introdução

A Educação Física na Educação Infantil assume um papel essencial na formação das crianças, considerando-as como sujeitos históricos, culturais e sociais. Diferente de abordagens que enfatizam apenas o desenvolvimento de habilidades motoras, a perspectiva crítica compreende a criança em sua complexidade, considerando-a como um ser cultural e, portanto, produtora de significações a partir de sua ação no mundo (Sarmiento Pinto, 1997), (Corsaro, 2009) e (Pires, 2010), destacando o corpo como linguagem e como meio de relação com o mundo.

O corpo é, para a criança, um meio de expressão e comunicação que a auxilia em sua relação com o mundo. As experiências e vivências com o corpo são progressivas e emancipatórias, na medida em que são possíveis a percepção e o domínio do funcionamento do próprio corpo, reconhecendo seus limites e possibilidades. As diferentes linguagens são manifestadas por meio do corpo, onde a criança revela sua compreensão de mundo, sentimentos, necessidades” (Paraná, 2018).

Nesse contexto, as brincadeiras cantadas configuram-se como importantes manifestações culturais a serem inseridas no ambiente escolar, pois contribuem para o desenvolvimento das crianças, ao mesmo tempo em que ampliam seu repertório cultural. Ao conhecerem essas práticas, as crianças têm a oportunidade de reconhecer a existência de diferentes culturas, compreendendo a diversidade que existem nelas, e com uma intervenção docente intencional e planejada podem aprender a respeitar modos distintos de viver, brincar e se expressar. Além disso, dependendo da relação social que se estabelece no processo de ensinar e aprender, essas manifestações possibilitam



o acesso ao conhecimento e à valorização da cultura popular, fortalecendo o vínculo entre a escola e sociedade.

Contudo, apesar de seu potencial educacional, a socialização das práticas pedagógicas que enfatizam o ensino das brincadeiras cantadas nas aulas de Educação Física ainda se encontra em estágio inicial (Viviane, 2018). Diante disso, o presente artigo tem como objetivo de descrever uma sequência didática do ensino das brincadeiras cantadas na Educação Infantil e como podemos as inserir nas aulas de Educação Física, a partir de uma experiência realizada por uma graduanda do curso de Educação Física e um professor supervisor, todos vinculados ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

Metodologia

Este estudo é uma descrição de experiência pedagógica desenvolvida a partir da regência de quatro aulas em uma escola localizada na região sul da cidade de Londrina, Paraná. A intervenção pedagógica foi realizada com duas turmas do P5 da Educação Infantil no período vespertino e teve como foco a direção de aulas sobre o conteúdo brincadeiras cantadas. A proposta foi elaborada e conduzida por uma graduanda do curso de Educação Física sob a supervisão de um professor vinculado ao PIBID.

Foram ministradas quatro aulas entre os meses de novembro e dezembro de 2024, abordando as brincadeiras cantadas presentes em diferentes manifestações culturais. Se planejou no processo o ensino de cinco manifestações populares enquanto brincadeiras cantadas, sendo elas a Piaba, Caranguejinho, Yapo, Jacaré Poio e Vendedores de Fruta. Para o desenvolvimento das aulas, foram considerados os objetivos de aprendizagem estabelecidos pelo Referencial Curricular do Paraná e as diretrizes educacionais municipais para o ensino da Educação Física nessa etapa, inseridos dentro do campo de experiência Corpo, Gestos e Movimentos, a saber:

- 1- Participar e conduzir brincadeiras envolvendo cantigas, rimas, lendas, parlendas ou outras situações com movimentos corporais;
- 2- Participar e promover brincadeiras de expressão corporal cantadas;
- 3- Movimentar-se seguindo uma sequência e adequando-se ao compasso definido pela música ou pelas coordenadas dadas por



seus colegas em brincadeiras ou atividades em pequenos grupos.
(Paraná, 2018).

As aulas foram realizadas em dois espaços distintos da escola: o pátio, lugar que foram ensinadas as brincadeiras Jacaré Poio e Yapo; e a quadra poliesportiva, que aconteceram as atividades da Piaba, Caranguejinho e Vendedores de Fruta. A sequência didática contemplou quatro encontros, cada um com aproximadamente 50 minutos de duração. As aulas foram estruturadas com momentos de acolhida, conhecimento das brincadeiras cantadas e reflexão sobre as experiências. O registro das observações ocorreu por meio de diários de campo e a avaliação da experiência pedagógica se realizou com base na participação e envolvimento das crianças nas atividades.

Resultados e Discussão

As aulas desenvolvidas demonstraram que as brincadeiras cantadas são um recurso pedagógico potente na Educação Física Infantil, além de conteúdo obrigatório. Um ponto relevante foi a valorização da cultura popular na escola. As brincadeiras cantadas utilizadas foram baseadas em cantigas tradicionais, permitindo que as crianças tivessem contato com manifestações culturais que fazem parte do Patrimônio Imaterial Brasileiro (Brasil, 1988, Art. 216). Essa experiência reforça a importância da Educação Física como espaço de socialização e ressignificação dos saberes populares. Durante as atividades, percebeu-se que os estudantes se mobilizaram com interesse em conhecer as brincadeiras propostas. Além disso, observou-se o acesso ao repertório de movimentos diversificados, bem como a cooperação e interação entre os colegas.

Na primeira aula, retomou-se algumas das cantigas e brincadeiras cantadas que foram aprendidas ao longo do ano letivo de 2024, no primeiro trimestre, resgatando memórias corporais e afetivas das crianças. Em seguida, organizou-se a prática pedagógica para que os estudantes conhecessem a brincadeira “Piaba”, de domínio público, reconhecida na voz das coquistas do Caiana dos Crioulos. A atividade foi conduzida em roda, e cada criança ocupava o centro da brincadeira para realizar gestos e, por meio da “umbigada”, convidava outra criança a entrar, gesto típico das manifestações populares afro-



brasileiras. O uso do pandeiro como instrumento musical, pela futura docente, marcou o ritmo da roda, valorizando os elementos sonoros da cultura popular. Ainda nesse encontro, foi proposta a brincadeira “Caranguejinho”, do grupo Cupuaçu, na qual as crianças acompanhavam corporalmente o ritmo da música com movimentos que simulavam o andar do caranguejo, ora lento, ora rápido, o que exigia atenção e sensibilidade rítmica. Ressalta-se que se constatou, a partir do auxílio da futura professora, que os estudantes compreenderão o sentido da brincadeira e dos movimentos que realizavam.

Tendo em vista que as brincadeiras cantadas podem estar presentes no dia-a-dia da escola, trazendo aprendizado ao aluno se tiver sentido para ele, pois não há razão para cantar e fazer gestos sem que saibam o significado do que estão fazendo (Viviane, 2018, p. 08).

Já na segunda aula, retomou-se os conteúdos anteriores (Piaba e Caranguejinho) e se introduziu o ensino da cantiga “Yapo”, do grupo Palavra Cantada, destacando a percussão corporal como forma legítima de expressão artística e cultural. Os gestos foram ensinados em diálogo com os ritmos e palavras da música, enquanto possibilidades criativas do corpo em movimento. Em seguida, os estudantes conheceram a brincadeira “Jacaré Poiô”, do grupo Cacuriá de Dona Teté, em que psicionados enfileirados, simulavam um jacaré, sendo um deles a boca e outro o rabo. A brincadeira enfatizou a cooperação e o trabalho em equipe, e o corpo como construção coletiva, reforçando os princípios das práticas sociais que compõem a cultura popular brasileira.

A terceira aula teve como objetivo principal fomentar a autonomia e o trabalho coletivo. No início se lembrou da música “Yapo”, e se organizou as crianças em pequenos grupos para criarem novos gestos e movimentos que pudessem ser utilizados durante a cantiga, utilizando a percussão corporal como recurso central. O momento revelou o envolvimento afetivo e criativo dos estudantes que, em cooperação, decidiram os gestos e criaram novas formas de se relacionar com a música e o corpo. Esse envolvimento autônomo, criativo, dos estudantes na brincadeira Yapo proposta pela estagiária vai ao encontro da perspectiva de que



[...] se de um lado as crianças são conformadas por um mundo de adultos, por outro lado elas conformam o mundo dos adultos. [...] A cultura ou a sociedade é algo dinâmico que não está localizado em lugar algum, mas pode ser pesquisado nas relações entre as pessoas (Pires, 2010, p. 149-151).

O “Jacaré Poiô” foi retomado como brincadeira final, agora com a construção de um “jacaré gigante”, unindo toda a turma. A vivência valorizou a imaginação, a interação, a coletividade e a alegria como dimensões essenciais da Educação Física. A realização do jacaré gigante, diferenciando da versão anterior ensinada, corroborou com a tese de que as crianças “são agentes da mudança, mas também de continuidade” (Pires, 2010, p. 152), uma vez que a lógica interna da brincadeira Jacaré Pio se manteve, porém em uma proporção maior.

Na quarta e última aula, os estudantes conheceram a brincadeira cantada “Vendedores de Fruta”. A atividade envolveu perguntas, respostas, adivinhações e fugas, promovendo estratégias de comunicação, escuta, decisão coletiva e alternância de papéis. Essa prática evidenciou a compreensão das crianças sobre o funcionamento da manifestação cultural e a importância de valores como respeito, cooperação e inclusão, além de permitir que todos os estudantes experimentassem diferentes funções dentro da brincadeira.

Nesse sentido, aprender a brincadeira cantada Vendedores de Fruta, assim como as demais, evidenciou que a educação das crianças deve ser pensada para o agora, ou seja, para que elas se insiram autonomamente no mundo em que vivem, no qual tais manifestações são constitutivas e, assim, reconhecer que elas podem ensinar ainda como crianças e não esperarem crescer.

Não se trata de aprender um jogo para, quando adulto, vir a ensinar outras crianças. Trata-se do agora. De reconhecer que elas ensinam hoje, tanto seus pares quanto os adultos. [...] pensar que tanto as brincadeiras como os jogos são espaços reveladores do potencial de agência desses sujeitos (Rifiotis et al., 2021, p. 13).

Portanto, corrobora-se com a defesa de que essas manifestações populares,



[...] tornam-se aliadas com seu potencial de ensinar e envolver as crianças ressaltando a importância das brincadeiras cantadas junto com a Educação Física, proporcionando interação e produção do conhecimento, visto que, educação deve ser um processo envolvente e que desperte interesse e satisfação das crianças (Viviane, 2018, p. 04).

Durante toda a sequência, a avaliação foi realizada por meio da observação da participação ativa, interação com os colegas, compreensão rítmica e capacidade de criação e reinvenção dos movimentos. Conforme propõe o Coletivo de Autores (1992), o objetivo das aulas não era mensurar habilidades motoras específicas, mas compreender como as crianças se relacionavam com esses novos saberes apresentados, como ressignificavam o conteúdo e como participavam coletivamente das práticas.

A experiência pedagógica demonstrou que as brincadeiras cantadas, quando intencionalmente planejadas e pedagogicamente mediadas, constituem-se como conteúdos potentes da Educação Física Escolar na Educação Infantil. Elas ampliam o acesso à diversidade cultural, valorizam o corpo como linguagem, fortalecem vínculos sociais e promovem a formação de sujeitos críticos e criadores. O trabalho mostrou, ainda, a importância de uma Educação Física que vá além do tecnicismo, assumindo seu compromisso com a democratização dos saberes da cultura corporal e com a formação de crianças conscientes de sua inserção no mundo.

Percebe-se que a inserção de tais brincadeiras cantadas e as estratégias adotadas pela futura docente, além de mediar o alcance dos objetivos propostos, também garantiram às crianças uma diversificação de práticas corporais que a maioria não conhecia. Por fim, evidencia-se a necessidade de mais práticas pedagógicas que insiram as brincadeiras cantadas nas aulas de Educação Física de modo intencional, com a elaboração de um planejamento que estabeleça claramente os objetivos a serem alcançados, as estratégias docentes previstas e também quais manifestações culturais serão ensinadas ao longo do percurso.

Conclusão



A experiência descrita neste artigo evidencia o quanto as brincadeiras cantadas, enquanto manifestações populares, são potentes no contexto da Educação Física Escolar na Educação Infantil. Ao longo das aulas, foi possível observar que as crianças não apenas ampliaram seu repertório motor, mas também se expressaram, cooperaram e interagiram de maneira sensível e criativa com os colegas. Ampliaram seus conhecimentos, ampliaram-se enquanto seres culturais, capazes de significar e ressignificar suas próprias práticas no mundo.

A presença dessas manifestações na escola reforça a importância de uma Educação Física que valoriza a cultura corporal e compreende os corpos em sua diversidade, expressividade e historicidade. Diferente de abordagens que reduzem o movimento à técnica e à reprodução de gestos padronizados, as brincadeiras cantadas se bem conduzidas, podem promover o reconhecimento e o respeito a maneira como cada criança se movimenta, sente e se comunica, sem mecanizar as ações. Além disso, trazer esses saberes populares, muitas vezes marginalizados no currículo, para o ambiente escolar, fortalece a relação entre sociedade e escola, possibilitando um ensino que dialoga com a realidade, amplia visões de mundo e valoriza as múltiplas formas de ser, viver e se expressar de cada indivíduo singularmente e socialmente quando na interação com o outro, com o diferente e também potente agente cultural.

Esta conclusão é fruto das reflexões da futura docente, autora deste trabalho, construídas a partir de suas vivências como educadora em formação, observando o impacto dessas práticas no cotidiano escolar e reconhecendo o estágio como campo possível de e para pesquisa (Ghedin et al. 2008). Reforça-se, portanto, a necessidade de mais estudos e experiências que promovam a valorização da cultura popular na Educação Física Escolar. Reconhecer essas manifestações como parte da cultura corporal é também reafirmar seu lugar legítimo como conteúdo e linguagem de ensino, especialmente nas infâncias.

Referências

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.



CORSARO, William A. Reprodução Interpretativa e Cultura de Pares. MÜLLER, Fernanda.; CARVALHO, Ana M. A. (Orgs.). Teoria e prática na pesquisa com crianças: Diálogos com Willian Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009.

GHEDIN, Evandro.; ALMEIDA, Maria. I.; LEITE, Yoshie. U. F. Formação de professores: caminhos e descaminhos da prática. Brasília: Liber, 2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Referencial Curricular do Estado do Paraná: Educação Infantil. Curitiba: SEED, 2018.

REFIOTIS, Fernanda C.; RIBEIRO, Fernanda B.; COHN, Clarice.; SCHUCH, Patrice. A antropologia e as crianças: da consolidação de um campo de estudos aos seus desdobramentos contemporâneos. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 27, n.60, p. 7-30, maio/ago. 2021.

SARMENTO, Manuel J.; PINTO, Manuel. As crianças: contextos e identidades. Braga: Universidade do Ninho, 1997.

VIVIANE, Lidiane F. Brincadeiras cantadas nas aulas de Educação Física: uma revisão bibliográfica. Artigo monográfico apresentado ao curso de Especialização em Educação Física Escolar da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM – RS), 2018.